



"A Lógica do Reino de Deus e a Convivialidade do Reino de Deus"

Imagem retirada de <http://derrotarmontanhas.blogspot.com/>

A lógica do reino de Deus

"Entrar no Reino de Deus" é uma *Lógica*, não uma *conquista*. Às vezes interpreta-se este suspiro de Jesus com a mesma lógica que o homem rico trazia quando chegou: a lógica da conquista pelos méritos. "É difícil entrar no Reino de Deus" porque implica viver na *Lógica* da Liberdade e do seguimento de Cristo. E são poucos os disponíveis para isso. Passar das normas da Lei à Aliança de Vida com Cristo, do *cumprimento* ao *seguimento*, do *fazer* ao *deixar-se fazer* implica um salto qualitativo do Coração e uma ousadia que poucos são capazes de assumir.

O episódio da mulher adúltera é central para a compreensão da novidade da Nova Aliança como revelação de um "Deus sem pedras": "Chegaram os Doutores da Lei e os Fariseus com uma mulher que tinha sido apanhada em adultério. Colocaram a mulher no meio e disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. A *Lei de Moisés manda* que estas mulheres devem ser apedrejadas. E tu, que dizes? Eles diziam isto para *pôr Jesus à prova* e terem um motivo para o acusar. Então Jesus inclinou-se e *começou a escrever no chão com o dedo*." Na bíblia, só uma vez tinha alguém *escrito com o dedo*, o que dá a este gesto um significado muito forte: "Depois de ter acabado de falar a Moisés, no Monte Sinai, Deus entregou-lhe as duas tábuas da Lei, *escritas com o Seu dedo*" (Ex 31, 18). *Escrever com o dedo significa escrever a Lei*. Jesus "escreve com o dedo", ou seja, escreve uma nova Lei! Jesus de Nazaré revela e realiza o Amor do Deus apaixonado pelo Homem pecador!

Esta é a Nova Lei que Jesus escreve. Esta é a Nova e Eterna Aliança, não escrita mas *inscrita* nos nossos corações pelo "dedo de Deus", Jesus Cristo. "Quem não tiver pecado atire a primeira pedra..." Jesus podia ter atirado! Mas ergueu a mulher da sua prostração, libertou-a da sua humilhação, salvou-a até da sua solidão, conversando com ela pela primeira vez, olhando-a, e dizendo: "Eu não te condeno". Eu sou o Messias do "Deus sem pedras", o Deus do Perdão abundante. Vai e de agora em diante não tornes a pecar! Vai, e sê de novo!

Quando Jesus ensina os discípulos a dizerem "Pai Nosso que **estás no Céu**", não lhes está a dizer o "**lugar**" em que está Deus...

Na sua cultura, todo o judeu piedoso rezava a Deus voltando-se na direção de Jerusalém, onde estava o Templo que, dizia-se, era a “Morada de Deus”. Os evangelhos são claros a afirmar que Jesus não realizava este gesto mas um outro: **“Levantando os olhos ao céu...”**

Porque Deus, como tantas vezes se repete na história bíblia, “não pode habitar em moradas feitas por mãos humanas”. E o que significa esta linguagem de “olhar para o céu”?

O céu não é o oposto à Terra, nem é o contrário do Inferno! O céu, nesta linguagem da oração, é o contrário do Templo! O Pai que está no céu é o Deus desvinculado do Templo, liberto dos grilhões da religiosidade de um povo específico e da execução das suas normas...

Então, quase em jeito de brincadeira, porquê “no céu” e não “na terra” ou “no mar”? Porque **o céu é aquilo que permanece ainda de todos e para todos**. A terra já na altura tinha sido abundantemente privatizada! A maior parte das pessoas não tinha terra. Eram trabalhadores na terra de outros, grandes proprietários. E o mar... era apenas um mito para milhões de pessoas, como ainda continua a ser, uma enorme massa de água da qual já ouviram falar mas nunca viram!

E, depois, existe o céu... Que não há um único ser na história que saia fora do seu manto. Até os mais desterrados e deserdados da terra se podem chamar “filhos do céu”... Quando perderam tudo, não o perderam a ele nem é possível perder-se dele. “Oh irmão, perdi tudo... só tenho o ar e o nuvens. O meu telhado é o céu e as telhas são as estrelas”, dizia-me um sem-abrigo chamado Sérgio há uns anos na rua de Santa Catarina no Porto. Na rua da azáfama do comércio, ele tinha apenas o céu e as estrelas...

Quando Jesus fala de Deus como um Pai que está no céu não está a dizer **Onde** Deus está, mas **COMO Deus é, QUEM é e PARA QUEM é** o Seu Amor paternal... Graça para Todos, Pai para Todos. O Pai que está no Céu não é um Deus que está “*lá longe*”, mas o que está permanentemente **Presente a Todos!**

E “**ir para o céu**”, como nós costumamos dizer, é ser transfigurado assim, na Vida de Deus, ser tornado capaz de Ver e Conhecer como sempre somos Vistos e Conhecidos por Deus... É tornar-se também de Todos e para Todos numa Vida que já está liberta das amarras e das fraquezas e dos medos.

A plenitude do Reino de Deus é o Céu, ou seja, é Deus mesmo, enquanto comunhão familiar de Pai-Filho-Espírito Santo com todos aqueles que já nasceram para a VIDA no parto a que costumamos chamar “morte”. No Céu, que não é um lugar mas Deus mesmo em comunhão com todos os salvos, o Reino de Deus acontece em plenitude: “Deus é tudo em todos!”, como dizia o Apóstolo Paulo (1Cor 15, 28), todos são *em* Deus, *com* Deus e *como* Deus! No Céu, que é a Comunhão com Deus, toda a realidade é verdadeiramente consoante a Deus, e todos são Sua perfeita e plena imagem e semelhança, porque já não há pecado, nem dor, nem luto, nem tristeza, nem enganar...

A convivialidade do Reino de Deus

Os banquetes festivos de Jesus exprimem a nova convivialidade do Reino de Deus iniciada em Jesus. Estas refeições eram o prelúdio revelador do Banquete e Comunhão da “Plenitude dos Tempos”. *As refeições convivais são, sem dúvida, a melhor síntese de todas as palavras e ações de Jesus*. E são sempre o ponto mais alto do encontro com Jesus e acolhimento do seu chamamento (Lc 5, 27-32; 19, 1-10).

O banquete de Jesus com os impuros e pecadores é “palavra para os olhos”: *exprime tudo o que o Reino implica de salvação, abundância, festa, gratuidade, reconciliação...*

São a melhor expressão simbólica da mensagem e missão de Jesus. **A “Última” Refeição de Jesus**

A “última” de muitas, a síntese de todas...

A última ceia é, pois, a última de um ciclo. *Não podemos desligar a Última Ceia de Jesus de todas as outras que a precederam*. Por algum motivo lhe chamamos a “última”! É porque houve outras que com ele forma uma cadeia histórica...

A Última Ceia é a “Ceia do Adeus”. Por isso confere a todas as outras um *Sentido* novo, um *Significado* que só à luz do “Adeus” pode entender-se. Tem uma carga existencial e psicológica particularmente forte. E as próprias narrações já estão marcadas por uma carga teológica e litúrgica bem desenvolvida.

Ceia do Adeus: fonte de Sentido e Fidelidade...

Um dos principais motivos para a carga dramática e eminente daquela refeição, foi exactamente o escândalo causado por tantas outras refeições anteriores com os impuros e pecadores!

Nesta Última Ceia, Jesus arranca a sua própria morte à fatalidade e ao absurdo, para fazer dela um dom livre aos seus amigos, e a todos os homens. É a Ceia do *Sentido* e da *Fidelidade*...

Ceia do Sentido: Jesus confere sentido à morte eminente. Confere sentido olhando “para trás”, e sintetizando toda a sua vida nas palavras que diz do pão e do vinho; e, olhando “para a frente”, ligando-a ao dom da Salvação, entrega que realiza a Nova Aliança e a Reconciliação pelo perdão do pecado (Mt 29, 29; Mc 14, 25; Lc 22, 15-18).

Ceia da Fidelidade: é o “ponto sem retorno” da vida de Jesus. Parece o último momento capaz de opção verdadeiramente livre. Depois... parece que acontece o que virá a dizer a Pedro no evangelho de João: “outros te cingirão, te conduzirão e levarão para onde quiserem...” (Jo 21, 18)

Os discípulos guardaram das refeições de Jesus o que lhe era particular, original e novo. Não dizem como comia, nem o quê... mas sim os *gestos*, as *conversas à mesa* e as *companhias*... .

O Reino de Deus que Jesus anunciava era este, o da COMUNHÃO Eterna da Humanidade com Deus e em Deus! Por isso no-lo anunciava como estando já no meio de nós, porque pelo dom do Espírito Santo a toda a Humanidade na sua Ressurreição, "o Amor de Deus derramado nos nossos corações" (Rom 5, 5), principiou uma Nova Humanidade, a Humanidade a caminho na "Plenitude dos Tempos", a Humanidade que já fala a Deus-Pai como o Filho sempre lhe falou: "Abba! Papá!" (Gal 4, 4-7).

Hoje, a Igreja tem a missão de continuar a missão de Jesus Cristo, o Rei, pelo anúncio e construção do seu Reino. Sim, o Céu é a plenitude do Reino de Deus, mas este Reino "está já entre nós"... na história, o Reino está em construção! Somos Povo Universal a caminho da Plenitude da História e da Vida, e estamos chamados a transformar as realidades quotidianas da nossa vida segundo a vontade de Deus conhecida na Escuta da Sua Palavra e na intimidade dos Encontros da Fé. Estamos chamados, acima de tudo, a construir-nos a nós próprios "à imagem e semelhança" de Deus, que é Amor, isto é, ser ao jeito de Jesus, "o rosto visível de Deus invisível" (Col 1, 15).

Jesus é o Rei deste Reino em nome do qual nos reunimos como COMUNIDADE À ESCUTA e COMUNIDADE A CAMINHO, na alegria de que Jesus seja, de facto, o Rei das nossas vidas, e na disponibilidade a que ele nos envie a anunciar e testemunhar no mundo os critérios sempre novos, ousados e provocadores do seu Reino!

Ser COMUNIDADE DE JESUS, o Rei, é o nosso Privilégio e a nossa Missão!